

INVISÍVEIS? CULTURAS E MARGENS DE BLUMENAU

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A TECITURA DA TRAMA URBANA BLUMENAUENSE

Cleiton Junior Pereira da Rocha¹

Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina

cleitonrochajr@gmail.com

INTRODUÇÃO

O conceito de margem indica limites e fronteiras simbólicas e/ou materiais: pode indicar o limite entre o homem idealizado, alçado à condição de cidadão, dentro dos limites da sociedade democrática e; o homem desgarrado, que constantemente precisa segurar-se às margens para não afogar-se na inexistência fluida do meio urbano. Em nosso cotidiano de marginais do rio Itajaí encontramos diariamente outros, que circulam pelas mesmas margens: dos morros, dos rios, dos bancos, das praças, das farmácias, das facções, das indústrias. Homens e mulheres que cotidianamente constroem alternativas para resistir à água que sobe ou o barranco que se desfaz e, neste fluxo, tecem seu drama singular enquanto materializam a trama urbana.

Diante deste conceito abrangente em torno da margem, buscamos identificar os elementos centrais que configuram a categoria geral de identidade cultural no campo pesquisado. Nossas referências partem da historiografia de Blumenau em transversalidade com a exposição da história contemporânea de alguns de seus membros, reforçado pelo olhar dos atores-pesquisadores. Referencial metodológico que tece o objeto principal desta pesquisa, intitulada “Invisíveis? Culturas e Margens de Blumenau”.

A experiência como ator-pesquisador permitiu a busca da representação como mediação

1 Ator-pesquisador do Viscera Teatro/Blumenau com formação livre em Teatro pela Escola Carona de Teatro, graduado em Psicologia (2010) e mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013). Professor substituto do curso de Psicologia da Universidade Regional de Blumenau.

para o deslocamento do pesquisado da posição de objeto para protagonista da trama urbana. O ator-pesquisador assume a tarefa de comunicar suas conclusões sociológicas acerca da análise desta pluralidade de vozes, ações e percepções que compõem o quadro urbano, assumindo a posição clara de portador de discurso político. Sua análise sociológica fundamenta sua posição, a experiência artística liberta sua capacidade criativa para a compreensão e vivência de sua política. Teatro e Política emanam de um fundo sociológico pautado pelo discurso dos múltiplos agentes e pela interpretação de seus movimentos diante da realidade envolvida:

[...] como um tipo de laboratório de pesquisas sociológicas, a análise das estratégias de teatralidade nos dará alguns elementos fundamentais sobre a sociedade na qual essas estratégias foram geradas. Com base em cada cena é proposta uma trama de relações que, por reação, refletem o tecido social mais amplo, no qual essa cena é planejada. Cada modo de representação é um comentário, implícito ou explícito, sobre o tipo de relação que domina socialmente. (CORNAGO *in* SAADI e GARCIA, 2008 p. 23)

A configuração do problema tornou-se relevante para os atores-pesquisadores do Viscera Teatro - Cleiton Rocha, Jean Massanero², Maicon Keller³ e Sabrina Marthendal⁴ - no ano de 2008, primeiro de sua existência. Nossa vivência inicial como pesquisadores na área do teatro construiu-se em conjunto com a experiência das enchentes e deslizamentos de terras, que subitamente revelaram as faces mais frágeis de nosso processo de urbanização. Percebemos a necessidade de olhar com um pouco mais de atenção nosso meio urbano, uma vez que dele somos parte. O contato com as relações concretas que tramam a vivência urbana permitiu-nos compreender algumas cenas que forjam a teatralidade – como o conjunto de experiências perceptivas e expressivas que fundam as relações singulares com o mundo – e a condução das relações éticas e estéticas que potencializam a vida comunitária.

A experiência com a pesquisa em mimeses corpórea, tal como fundamentada nas pesquisas do Lume Teatro (Ferracini, 2003, 2006; Colla, 2006) forneceram as bases para nosso contato com os indivíduos entrevistados. O objetivo inicial do grupo era o desenvolvimento de matrizes físicas e discursivas para a realização de espetáculo teatral. Embora a segunda etapa

2 Ator-pesquisador do Viscera Teatro/Blumenau e do Grupo Detalhe de Teatro – Indaial/SC.

3 Ator-pesquisador do Viscera Teatro/Blumenau e historiador.

4 Atriz-pesquisadora e fotógrafa do Viscera Teatro e da Companhia Carona de Teatro de Blumenau.

do projeto tenha sido adiada em função de outros trabalhos realizados pelos pesquisadores, esta imersão em campo para entrevistas propiciou-nos o contato e a possibilidade analítica da percepção dos indivíduos sobre seu papel na tessitura da vida urbana blumenauense. O resultado deste contato levou-nos à mudança de olhar em torno dos paradigmas que definem o lugar de artistas e população em geral no que diz respeito às relações que forjam o conceito de cultura. Desta feita, decidimos publicar os resultados de nossa experiência como meio para a reflexão de nossas relações como produtores de arte e cidadãos.

Nossas perguntas poucas vezes foram guias serenas, o cenário urbano e as trajetórias dos protagonistas desse campo social apresentaram uma complexidade devastadora que intimidaram os observadores de seu movimento: como discutir sobre a identidade cultural na cidade de Blumenau a partir das trajetórias relatadas? Como tratar as relações entre a história da cidade e as trajetórias de alguns de seus membros? Como nós atores entendemos as relações cotidianas como construtoras de uma teatralidade que revela as relações mais concretas da existência?

Dados atuais apontam para uma população de mais de trezentos mil habitantes, sinalizando a existência de histórias ainda palpáveis, porque permanecem vivas na cidade. Não obstante, são incontáveis os que já aqui deixaram seus corpos e suas histórias desde a fundação desta outrora colônia; menos localizáveis ainda aqueles anteriores a ela. Este contexto revelou a necessidade de direcionar nossos olhares.

A partir deste ponto, percebemos que a invisibilidade atribuída à cultura dos entrevistados, evidenciava a noção de pertencimento de todos nós à categoria invisíveis: partindo de um contexto onde o visível busca ser direcionado por critérios históricos e estéticos direcionados segundo uma suposta tradição cuja origem demarcaria cada um dos cidadãos e, na tentativa de romper com tais padrões, nos tornamos todos invisíveis. Cada história individual figura-nos um universo de possibilidades e limites que tem sua realização testada na vida, na inserção direta no contexto da trama urbana.

A invisibilidade a que muitos trabalhos oriundos das artes, como o teatro, que possui ainda dificuldades de legitimidade que dificultam a manutenção de uma cadeia produtiva sustentável em nível local, foi posta em paralelo com a mesma invisibilidade que a população periférica vivencia em suas tramas cotidianas. Deste questionamento emergiu a noção de que a defesa de nossa diversidade cultural passa pela aproximação com aqueles que diariamente tecem suas histórias e relações humanas com acontecimentos que nem sempre emergirão na história oficial, mas que nem por isso carecem de profundidade.

Buscamos, assim, elucidar alguns aspectos referentes à trajetória do desenvolvimento social da cidade de Blumenau e a conseqüente cultura cotidianamente engendrada por ela. Optamos pelo método da entrevista narrativa, com o intuito de ouvir histórias e permitir que elas demarquem, pela sua própria materialidade, as características do conceito em questão. Desde esta perspectiva ontológica, a compreensão do cenário só poderia ser possível no mergulho em seu fazer-se. O estabelecimento de uma perspectiva de identidade cultural reside nas narrativas. Elas expressam algumas das diferentes posições que os agentes urbanos constroem em sua história de inserção na cidade. Através delas, almejamos observar a singularidade que determina a posição ontológica de cada agente, bem como a possibilidade de inserção de todos numa matriz urbana, cujo agente de unificação é constituído pela invisibilidade inerente à vida ordinária da qual também participam os pesquisadores.

É, eu morava aqui em cima da Millium. É, eu conheço o pessoal, conheço a menina do teatro. Eu limpava pra minha sogra. Eu limpava, a minha sogra era síndica ali do prédio e eu limpava, limpava ali as escadas e o corredor né e eu via... Tu não és aquele rapaz moreno que ia de mochila? Ah não, ele é um rapaz mais alto, mais alto é. Mas eu sei quem é. Ela faz teatro e eu morava ali com o meu marido, só que eu tô separada há quatro dias já...⁵

Nossas primeiras entrevistas foram realizadas na rua XV de Novembro – principal rua comercial do centro de Blumenau – durante o mês de maio de 2012, três entrevistas foram realizadas – duração de vinte minutos - e somaram-se ao primeiro registro feito pela atriz Sabrina Marthendal em Campinas no ano de 2010, durante formação no Lume teatro:

5 Ana, pesquisa a partir de entrevista efetuada por Maicon Keller em maio de 2012 em Blumenau.

Ah... tem várias histórias que eu... eu passei sem mãe por uns cinco ano de idade... Ah filha... costureira né... costurando na máquina assim... Aí ela falou pro meu pai... O véio... vamo comigo... ele falou... eu nem gosto de lembrar: Pra onde véia? Aí só fez assim... e faleceu... de repente né filha... essas coisa num dá pra esquecer, num dá pra saber né? Eu com 5 ano. Meu irmão mais novo que eu... mais novo... morreu com dez anos... meu irmãozinho morreu sortero.... Essas coisa eu tenho problema, que eu não gosto de ficar falando essas coisa... dá vontade de chorar...⁶

Em seguida, foram realizadas quatro entrevistas – com duração de uma hora cada - com duas moradoras do bairro Nova Esperança, uma família residente no bairro Itoupavazinha e um catador que vive na região central de Blumenau. Estes entrevistados têm em comum o fato de terem migrado a Blumenau há pelo menos 10 anos: sua trajetória anterior, bem como a chegada e consolidação no espaço urbano, foram os eixos centrais que nortearam as entrevistas. Estas narrativas foram debatidas em conjunto pelos pesquisadores e seu registro e as consequentes problematizações caracterizam o conteúdo central deste artigo.

Dona Alexandrina cedeu alguns minutos de sua espera para nos contar um pouco de sua história. A trajetória que vislumbramos é de uma família trabalhadora e suas ações e possibilidades cotidianas de construção da vida. São fatos da historicidade vivos e presentes naquele corpo que se manifesta em história; que deixam marcas, desconhecidas até pela própria depoente, pois constituem a experiência singular, a identidade manifesta exclusivamente naquele indivíduo a partir dos fatos que marcadamente constituíram suas matrizes de desenvolvimento cultural e determinam sua expressividade e teatralidade.

E aí você entra numa outra reflexão: qual é a vida mais intensa? Como a gente vai estabelecer um consenso? Qual é a vida mais intensa? Do cara que passou a vida inteira trabalhando na rua... vendo coisas... experimentando uma gama de coisas que o... sei lá... presidente de uma grande empresa... não tem?⁷

Esta dificuldade de aproximação de um conceito adequado de identidade cultural, oriunda da cisão entre a construção singular do indivíduo urbano e sua posição no contexto geral

6 Dona Alexandrina, pesquisa a partir de entrevista efetuada por Sabrina Marthendal em Campinas/SP em fevereiro de 2010.

7 Jean Massanero, durante encontro dos pesquisadores em junho de 2012.

de construção da cidade, está associada a problemática da exclusão social presente na produção historiográfica. A hegemonia econômica de pequenos grupos tornou possível a seleção dos pontos de vista que valorizavam, no primeiro plano, os agentes centrais do processo de exploração colonial. Assim, aspectos unicamente positivos - e cuidadosamente escolhidos -, apontam estes grupos como realizadores do progresso em “oposição harmoniosa” ao polo negativo - o povo - renunciando à complexa cadeia de relações sociais e históricas que, deste ângulo, desinteressam ao núcleo central da cultura tradicional.

O Brasil é hoje um país que até pouco tempo atrás era História Oficial total... Os livros didáticos ainda são histórias oficiais totais. Não existe possibilidade... e se a gente pensar bem o Brasil é hoje um país em busca de identidade. E como é que você constrói uma identidade? Através da tua História. Nós estamos aqui hoje porque a gente tem uma história, tem um caminho.⁸

A historiografia oficial de Blumenau, que tem como base a constituição da colônia com a vinda dos primeiros migrantes alemães, tem optado por destacar a relevância do trabalho e da iniciativa destes fundadores como o catalisador instrumental de uma forte relação social baseada na coesão produtiva que também geraria uma nova matriz cultural, uma nova tradição que agiria como núcleo legitimador de uma sociedade que desafiou com vitória as forças hostis da natureza tropical (Voigt, 2008). A experiência cultural acumulada pelos enfrentamentos iniciais teria moldado uma tradição, uma forma de viver que nos impulsionaria à frente pela virtude do trabalho que somos capazes de executar, reforçada por uma estrutura ordeira consolidada pela necessidade da vida comunitária, diretamente vinculada à cultura e à tradição das terras germânicas de onde partiram os primeiros migrantes.

Nesse cenário, a construção do processo migratório tornou-se elemento central de construção da história e da cultura da cidade. A história de alguns dos primeiros migrantes constitui a matriz geral da historiografia oficial (BLUMENAU, 2002; CEAG/SC, 1980; HERING, 1987; KORMANN, 1994; RICHTER, 1992; SINGER, 1977).

8 Maicon Keller, durante encontro dos pesquisadores em junho de 2012.

Contudo, a preponderância dos agentes realizadores econômicos tende a diminuir a importância daqueles que, assim como os primeiros colonos alemães, chegaram a estas terras em busca de uma possibilidade de existência e se depararam com as inúmeras dificuldades da construção da vida neste novo contexto – o migrante interno. Com base nisso, decidimos buscar algumas narrativas a partir da perspectiva que pode ser denominada “de baixo” (Thompson, 2002), de alguns migrantes que fizeram e ainda fazem sua vida na cidade, buscando evidenciar as problemáticas fundantes de suas novas relações.

Hoje que nem a gente tá ali trabalhando no Galpão com os piá... ajeitando o barro no sábado, as vezes nós pegamos sexta de tardezinha... A gente lembra do tempo de lavoura, hoje se fosse pra voltar não aguentava mais né... Aquela vez não era no veneno que nem hoje, era só na enxada... nunca usava veneno, era só na enxada... Mas era sofrido... eu chateio dos piá, que nem tem um que tá com 20 ano, o outro 16... com a idade deles nós ia puxando milho nas costas em cesto... Sabe o que é cesto de puxar milho? Feito com taqueara. Ponha nas costas, 60 quilos puxando no peral... era sofrido... e caía tudo, derramava tudo... era sofrido.⁹

As trajetórias encontradas enfatizaram as histórias familiares e comunitárias como núcleos centrais das relações dos entrevistados. Estas tramas locais, construtoras da historicidade dos bairros, apontam que as diferentes origens não permitem generalizar um comportamento típico de Blumenau. Contudo, expressam as relações dos diferentes agentes que constroem e legitimam a cotidianidade do espaço urbano, e assim constroem seus matizes culturais. A matriz urbana, então, pode ser tratada como um campo de forças que impulsiona os agentes de acordo com escolhas nem sempre previsíveis ou calculadas (ELIAS, 2001).

Eu tinha doze ano... e meu... meu sonho era ir pra uma cidade... trabalhar... ajudar o meu pai... né... e então foi assim... eu ficava na frente de casa [...] doze, treze... e esperava que alguém passasse na frente da minha casa e me levasse né... por que eu queria trabalhar... eu queria ser alguém né... entendeu... eu gostava muito de estudar... naquela época daí então passou um casal na frente da minha casa... e daí precisava de uma babá... e eu vim pra Blumenau...¹⁰

9 Orlando, morador da Itoupavazinha, entrevistado por Maicon Keller.

10 Bernadete (Bê), moradora da Nova Esperança, entrevistada por Cleiton Rocha.

Consideramos relevante a compreensão do papel do trabalho na construção da historicidade do agente migrante. A tensão entre a historicidade disciplinar do trabalho – arraigada a partir da expansão do modo de produção capitalista e suas prescrições ontológicas – e a necessidade de trabalho como meio de sobrevivência e melhoria da qualidade de vida, tenta impor à materialidade da existência cotidiana valores pautados na esfera da moral, constituintes de uma certa natureza em potência, que exigiria do indivíduo o esforço para a superação do trabalho como necessidade e a afirmação identitária a partir da iniciativa individual. Essa tensão, contudo, encontra dificuldades para sustentar-se mediante o crescimento atual da matriz urbana Blumenauense e suas cadeias desiguais de acesso aos bens econômicos e culturais. O desenvolvimento desigual e segregatório inerente ao nosso modelo econômico cria recortes de posição que indicam quais são os limites e as possibilidades de vida das pessoas, a partir de seu contexto.

Chegamos numa terça, na quinta fumo pra lá, mas nós fumo com as roupa que nós viemos lá do Paraná ainda. Tava lá. Não tinha roupa. Chegamos lá falar com o fiscal, o fiscal, não! Vocês podem começar hoje ainda. Digo hoje? Mas a gente nem veio preparado pro serviço. A gente não veio pronto pro serviço! Mas aqui é assim, aqui funciona assim! Tem que começar, se tu quiser começar hoje, pode começar hoje.! Daí fumo né...E tamo aí, onze ano morando junto... me arrependo não ter vindo à vinte!..¹¹

A construção de um espaço vital que assegure condições de existência adequadas às novas exigências da vida urbana não permite o fechamento do agente diante de sua cultura anterior. Para constituir posição na cidade, novas táticas e estratégias de relação são construídas. Nos espaços de habitação, tais ações desencadeiam conflitos que adquirem maior visibilidade no contexto da implementação e manutenção de políticas públicas. O bairro é o espaço onde as pressões por moradia, saneamento e demais serviços demonstram sua pressão mais imediata. A insegurança social muitas vezes presente nestes contextos não evita, contudo, a aproximação e a transferência de conhecimento e cultura que se dá pela experiência da relação direta no mesmo espaço de vida.

Em morei em bairro aqui. Eu era piá de bairro em Blumenau [...] É

11 Sebastião, pesquisa a partir de entrevista feita por Cleiton Rocha, no centro de Blumenau, em junho de 2012.

um conhecimento que a gente tem que isso não é... não existe sabe, não faz parte. [...] A gente pode fazer um projeto desse despreocupado com a ideia de... despreocupado não necessariamente despreocupado...mas assim... com uma ideia especificamente econômica, por exemplo. Porque a gente vai fazer a história dessas pessoas. O quão rico é essas pessoas vivendo ali [...] Um elemento histórico que vem, acontece e desaparece. Não é dado. Não temos conhecimento sobre o que está lá. A não ser que você vá morar lá.¹²

Mais frágeis que os aspectos diretamente grupais da tradição oral, encontram-se as trajetórias individuais dos migrantes, cuja história está demarcada pela intensidade de uma luta constante contra a instabilidade dos meios e relações da cidade. O resultado de sua atividade pode ser produto vivenciado restritamente pelo grupo que diretamente participou de tais relações comunitárias, de forma que resgatar as trajetórias individuais, nesse contexto, pode trazer também à tona a própria constituição histórica do espaço vital.

Quando imergimos naqueles aspectos da vida ligados à realidade ordinária de nossa existência, as vozes do universo social aparecem muito dissonantes, diferenças acentuadas de poder vêm à tona. Quem tem mais poder, tem mais voz. Nossas relações são permeadas por poderes, alguns deles nos afirmam mais, nos dão voz perante a sociedade. O teatro ou a ciência configuram formas de expressão, por exemplo, que elevam o poder de afirmação de quem participa de sua construção. A voz do teatro nos posiciona perante o espaço da cidade. A pesquisa “Invisíveis”, para estes atores, constituiu a tentativa de colocar em equivalência de vozes aqueles discursos que normalmente não aparecem, inclusive para nós; relações presentes no cotidiano da cidade, participando da sua forma, mas ausentes no discurso oficial porque seus poderes existem, mas estão escondidos nos nós da tessitura urbana.

Eu acho que quando a gente fala de modo de vida não tem como a gente não olhar pra qual é a situação que traz a subsistência daquele indivíduo na cidade. Ou seja, qual é o encaixe dele na sociedade. Que são também diferentes níveis. Por exemplo o morador de rua que é catador, ele tem uma função na sociedade. Talvez, talvez não! A importância dele naquele lugar é tão importante quanto o da enfermeira. [...] mas a diferença do jeito que as pessoas olham pra uma enfermeira e o jeito que as pessoas olham pro catador de rua, pro gari. É diferente. São olhares diferentes, no entanto a importância

12 Maicon Keller, durante encontro dos pesquisadores em junho de 2012.

é discutível entendeu. O que é mais importante?¹³

Enquanto discutimos a configuração destas teias de relações, a realidade da vida revela que a experiência de proximidade entre os sujeitos urbanos cria continuamente mudanças em suas formas de percepção, vinculação e tratamento.

...eles vêm e vão... entendesse? É um... tu nunca... tu nunca chega a conhecer todo mundo... sempre tem alguma coisa né... e eu gostava muito e vou te falar... tem as colega que não às vezes não gosta... mas eu vou dizer pra ti... eu gostava muito de atender o AMBLU... que era o abrigo municipal de Blumenau... eu tinha um carinho muito grande pelo AMBLU... [...] eu atendia eles com muito carinho tá porque... eu me colocava diante assim... como se eles tivessem ali... e como eu te falei... tem muitas pessoas que não gostam de atender... que eles eram assim... eles eram carente... eles assim se tu fizesse um curativo hoje... tu diz pra ele ó, amanhã tu tem que cuidar desse curativo... ele não ia cuidá... ele ia bebê na rua... ele ia caí.. ficá caído ali... quando ele vinha, já tava todo cheio de bicho... e eu tinha o prazer de novamente fazer tudo aquilo.¹⁴

As trajetórias reveladas evidenciam dificuldade na generalização de aspectos que configurariam um roteiro ascendente ou descendente da expectativa de sucesso social mediante as contingências da vida. Mesmo que o reconhecimento público da ação dos agentes pareça minimamente dimensionável em relação às estruturas de poder oficiais, percebemos que as escolhas individuais adquirem importância significativa acerca da decisão final sobre o papel do agente na trama.

O abrigo agora tá lá no Passo Manso... Tá no Passo Manso... [...] foi pro Morro da Goiaba e agora tá no Passo Manso. [...] Uma época eu tava com uma kombi... eu tinha uma kombi aí... eu fazia frete, tudo... eu fui deixar o pessoal lá em cima... Morro do Abacaxi e depois eu fui no morro da Goiaba e depois eu fui... [...] eu fiquei na lona... mas agora tá lá no Passo Manso... tem um monte lá no Passo Manso... mas pra onde é eu não sei.¹⁵

13 Jean Massanero, durante encontro dos pesquisadores em junho de 2012.

14 Bernadete (Bê), moradora da Nova Esperança, entrevistada por Cleiton Rocha.

15 Ceará, morador do Centro, entrevistado por Jean Massanero.

As histórias sugerem a perspectiva de que as relações cotidianas de vida na cidade tornam a aproximação necessária, a aproximação torna o processo de interação cultural possível e, inclusive, o processo de superação do preconceito na comunidade materializa-se na convivência de distintas experiências singulares de vivências coletivas. As tensões oriundas das desigualdades sociais podem elevar o preconceito e a discriminação em alguns sentidos, mas criam também posições em que a superação ocorre pela relação direta entre os seres humanos.

Eu não posso negar que essa diferença, esse choque, essa rejeição, que não acontece em todo lugar, mas aconteceu e é uma coisa muito forte, muito traumático. [...] Foi uma situação muito inusitada porque ele tava terminando o dia de trabalho dele. Era sete horas da noite. Cansado. Catador e morador de rua e a temperatura tava baixando muito ontem à noite. Então era uma situação que pra ele tava bem difícil. Ele falou isso inclusive na entrevista. Mas quem é que ia ter a oportunidade de conversar com ele?¹⁶

Provavelmente um dos resquícios mais duradouros de nosso passado colonial dispõe-se sob as múltiplas facetas do preconceito de etnia ou origem. Não é possível negar que a cidade de Blumenau, assim como provavelmente a maioria das cidades brasileiras, alimenta um discurso de segregação contra o migrante interno. Ele revela-se também a partir de outras divisões como raça ou posição social e talvez seja o maior obstáculo criado por algumas versões de nossa história, refletindo o processo de segregação não velado que fundou a “civilização moderna” nestas terras. Contudo, a nível relacional, na estruturação dos bairros, percebemos que esse processo de divisão, embora ainda obtenha afirmação em determinados contextos, concorre com o esforço mútuo pela construção comunitária – da qual afloraram outras perspectivas de superação que se materializaram na atual convergência, nos bairros de Blumenau, de pessoas de diversas origens que encontram na ação conjunta a possibilidade de melhoria de suas condições de vida.

Existia o... né... tu sabe... Uma diferença... ela não conseguia falar assim porque... tinha preconceito, mas também tinha tanta coisa boa... tantas adoções, tantas coisas boas que fizeram assim que não conseguia falar preconceito.¹⁷

Nosso contato introdutório no campo aproximou-nos deste quadro no qual permanece a tensão entre os distintos atores sociais que se encontram no mesmo espaço vital. Essa tensão

16 Jean Massanero, durante encontro dos pesquisadores em junho de 2012.

17 Sabrina Marthendal, durante encontro dos pesquisadores em junho de 2012.

gesta trajetórias que, embora possam parecer superficiais ao observador distraído, revelam o intenso esforço pela construção de um espaço reconhecido no meio urbano, assim como apresentam algumas das mazelas resultantes de um processo de engajamento social marcado pelo poder do dinheiro e das relações de dependência econômica.

Nós resolvemos no sábado 9 horas, meio dia nós saímos, batemos as 3 hora no Garcia sem conhecer nada em Blumenau [...] Que nem hoje a gente tem essa casa, mas a gente morava numa meia-água ali atrás... de madeira... nós parava.. nós chegava em casa onze e meia da noite que as filha trabalhavam de costura [...] 5 hora nós saía de casa, chegava onze da noite... Algum dia nós nem vinha, posava no galpão mesmo [...] O nosso patrão, ele não dava o passe pra nós, durante o mês. Chegava o final do mês, eu pedia pra ele dar passe, ele não dava [...] Ela começou a trabalhar, falar a verdade... no terminal do aterro fazendo limpeza... é, nós não temo vergonha de contar o que a gente passou na época... ... No terminal do aterro limpando os banheiros lá... E não é que não sabia trabalhar... é que chegou do interior né... eles não querem saber a tua experiência com a qualidade do serviço...¹⁸

As histórias que chegaram até os pesquisadores afetaram também suas percepções acerca de sua própria historicidade e das possibilidades oriundas do resgate das trajetórias dos agentes urbanos. O reconhecimento como agente protagonista da construção da cidade nada mais é que o alcance do tão debatido conceito democrático de cidadania (ARENDRT, 2007).

Uma vez eu fiz numa sétima série. Em vez de dar a matéria de história, eu resgatei a história de cada um deles. Não aquela coisa: fale sobre sua história! Escreva! Não... A gente conversou, a gente sentou. [...] Ficamos um ano fazendo isso... Tinha gente que não queria contar, ficou no fundo da sala [...] Tinha gente que não queria contar e depois queria passar na frente dos outros. Porque eles viam a riqueza quando ouviam a história de alguém. Dos que já tinham contado, dos alunos, a riqueza que aquilo era, perante a gente assim sabe. De conhecer a pessoa, no todo assim. Eles queriam passar: 'Agora eu quero contar! Agora eu quero contar'. E surgia coisas assim... a relação da sala, entre eles depois... completamente diferente, um respeito assim que é impressionante sabe.¹⁹

18 Orlando, morador da Itoupavazinha, entrevistado por Maicon Keller.

19 Maicon Keller, durante encontro dos pesquisadores em junho de 2012.

Durante o mês de junho de 2012, exibimos um vídeo-documentário com as reflexões iniciais deste processo de pesquisa para as sétimas e oitavas séries do ensino fundamental das escolas dos bairros visitados. A atenção e curiosidade verificadas nos estudantes, indicam que o trabalho de reconstituição da trajetória pessoal pode, inclusive, ser instrumento de ações pedagógicas indutoras de uma relação ativa entre a escola e a comunidade. Tendo como base a construção de vínculos e práticas culturais que valorizem as relações já presentes no seio mesmo da história da comunidade.

O processo de pesquisa das relações instituintes dos bairros, realizada a partir do resgate da historicidade dos habitantes locais e sua reconstituição pela via da história oral e do teatro pode fornecer meios para que tanto a produção artística quanto a cultura comunitária possam emergir da invisibilidade cotidiana e contribuir para a construção de uma História que privilegie a diversidade cultural. Nesse âmbito, as linguagens artísticas podem fornecer elementos para uma mudança de percepção acerca de papel de cada indivíduo na construção da trama urbana e o resgate de seu protagonismo na história local.

Acreditamos que as escolas podem ser o espaço privilegiado para este tipo de iniciativa e seus estudantes podem ser os protagonistas da construção e vivência concreta destas narrativas que fomentam a vida dos bairros. Ao reconhecer a cidade como diversa e formada pela cultura de todos, este tipo de iniciativa também contribui para a afirmação positiva da identidade destes estudantes. O teatro permite a situação de representação do outro, e nessa representação a riqueza da cultura pode emergir com a espontaneidade e a complexidade que a vida produz cotidianamente.

Até vocês pode ir um dia ali na Oma. Aonde que tem a foto da... da... foi matada uma onça, marido dela na época, e eles que mataram né. Na toca da onça por isso que era toca da onça. No caso era toca da onça e morro do abacaxi, né. Então, ah, quem morava no morro do abacaxi e quem morava na toca. Na toca foi matado uma onça. E isso, eles né, o pessoal daqui, que mataram lá em baixo né, a onça. Daí tem... tem a foto né... tudo direitinho. Isso na casa da Omã. Isso é uma coisa boa pra... pra vocês. Essa história é muito importante né? Por isso tem essa história né... tem a toca, e o morro do abacaxi...²⁰

20 Valdelina (Preta), moradora da Nova Esperança, entrevistada por Cleiton Rocha.

Os dados apresentados acima caracterizam o bairro Nova Esperança como modelo característico do desenvolvimento das regiões periféricas de Blumenau. Avançando do início de sua área de abrangência até as regiões mais afastadas - pertencentes ao município de Gaspar, problema não resolvido há anos e que deixa muitas famílias à margem dos direitos de cidadania - verificamos que a diferenciação dos níveis de qualidade de vida alcançam uma desigualdade que torna difícil situar tal espaço demográfico em uma classificação econômica ou cultural homogênea. Em alguns casos, as diferenças em termos de qualidade de habitação e serviços urbanos estão vinculadas ao tempo de chegada do residente na cidade e a consequente acumulação de trabalho e renda por ele adquirida. Nas trajetórias ascendentes, percebemos deslocamentos que podem passar pela divisão da mesma casa por mais de uma família ou a habitação provisória em uma região não legalizada, passando por melhorias nesta habitação, pela construção de outra – podendo ou não adquirir terrenos menos vulneráveis e mais valorizados – e dependentes da velocidade de implantação dos serviços públicos para melhoria de suas condições.

A especulação em torno de aluguéis e vendas de terrenos atinge também os pontos mais distantes da região central da cidade. Apartamentos minúsculos e pouco arejados ocupados por famílias inteiras ao lado de pequenas facções com condições de trabalho precárias ou habitações construídas durante uma madrugada surpreendendo as crianças que acordam para descer o morro, são fatos vivenciáveis no cotidiano da cidade. O olhar retrospectivo para os últimos vinte anos da comunidade indica, contudo, que a qualidade de vida, em termos gerais, avançou significativamente. Tal fato sinaliza que a busca pela inserção num contexto de reconhecimento histórico foi alcançada por parte significativa dos habitantes da comunidade, desde que sua posição como agente social da trama urbana seja reconhecida pela pesquisa histórica, e muitas vezes, mesmo que a história não os reconheça.

aqui assim... aqui eu comecei a trabalhar através por causa tudo disso que aconteceu... eu vim pra Nova Esperança... e eu adoro essa comunidade... já trabalho né há muito tempo aqui e eu amo de paixão... eu só vou sair daqui o dia que... ou me aposentar né... ou se me tira porquê por minha vontade eu não ia sair daqui nunca... tá tudo gravadinho!²¹

21 Bernadete (Bê), moradora da Nova Esperança, entrevistada por Cleiton Rocha.

A condição de forte desigualdade econômica não impede a afirmação da identidade daqueles que valorizam as relações de mediação como aspecto central da vida em detrimento das constantes afetações da realidade econômica e social.

As pesquisas baseadas em categorias como origem, etnia, cor da pele e classe social precisam ser revisadas desde de suas consequências para a inevitável visão geral que a historiografia escrita tende a afirmar. Tal consideração não reivindica a desconstrução dos aspectos culturais imanentes à nossa produção histórica, mas indica a necessidade de ampliação de nossas fronteiras culturais a partir do reconhecimento da complexidade do espaço urbano e sua relação direta com o mundo rural de onde provém grande parte de seus agentes, bem como o afastamento do conceito de cultura de noções excessivamente abstraídas de seu conteúdo histórico.

CONSIDERAÇÕES

As flutuações entre o leito de nossa racionalidade pretensamente real e a torrente de sensações provenientes da experiência das entrevistas ofuscaram a sustentação de modelos culturais generalistas ou sustentados por interesses racionais transcendententes à historicidade das relações de cooperação e conflito entre as pessoas desde suas distintas posições sociais. Observou-se a construção de teias de cooperação e reivindicação social que tornaram a vida comunitária uma ação histórica coletiva que não pode ser ignorada pelos interessados na compreensão de nossas relações culturais. Generalizações em torno de categorias humanas capazes de qualificar os agentes a partir de uma perspectiva geral – origem, etnia, gênero – podem esfumazar imperativos complexos em que tais classificações tornam-se insuficientes para a compreensão de seus meios de relação e estabilidade social.

Embora as matrizes econômicas gerais da cidade lancem luz à enorme desigualdade presente no contexto e tomem indubitável a exploração a que estão submetidos aqueles que a buscam como alternativa às condições insustentáveis nas regiões rurais, a divisão entre o capital econômico e o capital cultural da cidade só pode ser construída se distintos critérios de

legitimidade designarem a figuração de valor que capitaliza cada conceito. O ato de considerar o capital cultural dominante desde a defesa política dos agentes que historicamente pautaram a configuração produtiva da cidade e desvalorizar o caráter histórico das transformações que os segmentos trabalhadores construíram para alcançar condições de reconhecimento social pode encetar a falsa compreensão da existência de hierarquias culturais que explicariam desigualdades econômicas. Concluímos que, desde suas experiências concretas, os agentes reconhecem sua posição social na cidade e mesmo a ausência de disposições imediatas de arranjos estáveis de sobrevivência.

Enquanto as relações culturais entre os habitantes apresentam a permeabilidade possível pela mediação comunitária, as determinações econômicas, por sua vez, agem de forma impessoal sobre todos. Há um limite entre o que a cooperação comunitária pode obter e a necessidade geral de aquisição de renda, quanto menores as intervenções das esferas governamentais nestes espaços visivelmente menos estáveis e seguras emergirão as áreas habitadas. Mas tal vinculação não está ligada à aspectos identitários singulares de seus habitantes, e sim ao fato de que apenas instituições com capacidade de agenciamento e captação de recursos externos são capazes de financiar as estruturas de urbanização necessárias à melhoria da qualidade de vida dos espaços comunitários.

Com o passar dos anos, as comunidades adquiriram paulatinamente o acesso a alguns serviços públicos fundamentais, por pressão direta junto a governos e também pela própria melhoria efetuada pelos proprietários das habitações, os quais conseguiram estabilizar-se no município. Entretanto, como o crescimento da cidade é um quadro permanente - bem como sua dinâmica - as políticas públicas geralmente chegam depois da população, devido às pressões por ela efetuadas.

Nesse sentido, torna-se premente a valorização das políticas públicas voltadas ao ensino e produção artísticas em todas as regiões da cidade, garantindo o direito de acesso aos bens da cultura humana bem como a possibilidade de expressão da singularidade dos indivíduos que forjam a cultura local. Entendendo as artes como meios de desenvolvimento de múltiplas linguagens defendemos que estas podem atuar como catalisadoras de novas compreensões e

críticas acerca do papel que cada cidadão desempenha no contexto urbano. Ao conhecer uma nova linguagem, várias possibilidades de percepção e compreensão do mundo tornam-se presentes e com isso, nossa riqueza cultural pode ser acessada e reconstituída de sua invisibilidade.

Somos envolvidos por essa cultura quando realizamos o trabalho teatral; somos mesmo considerados produtores de bens culturais, aprovados e aceitos pelo conjunto da sociedade. Nosso teatro é, pois, um ente político que alcançou a possibilidade de exprimir com certa liberdade diferentes perspectivas que fundamentam a complexa trama da tragédia humana. Mas a tragédia só pode tomar o protagonista se estiver carregada de conteúdo real que expresse, no plano artístico, a problemática da construção da historicidade.

Uma vez traduzida como o escopo inicial de uma velha trama que paira nestas terras alagáveis, esta pesquisa só pôde se concretizar mediante a aproximação e a reflexão acerca das trajetórias, de pesquisados e pesquisadores. Nossa identidade cultural banha todas as margens, e sua diversidade evidencia que a desigualdade econômica não é o motor único dos preconceitos que, infelizmente, ainda persistem neste vale que se diz europeu.

REFERÊNCIAS

- ARENDR, H. **A Condição Humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007;
- BLUMENAU, H. B. O. **A colônia alemã Blumenau na Província de Santa Catarina no sul do Brasil**. Blumenau: Cultura em Movimento – Instituto Blumenau 150 Anos, 2002.
- CEAG/SC. **Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)**. Florianópolis: CEAG/SC, 1980.
- COLLA, A. C. **Da minha janela vejo... Relato de uma trajetória pessoal de pesquisa no Lume**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editores Ed. : Fapesp, 2006.
- ELIAS, N. **A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERRACINI, R. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

FERRACINI, R. **Café com queijo – corpos em criação**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

HERING, M.L.R. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: EDIFURB, 1987.

KORMANN, E. **Blumenau – arte, cultura e as histórias de sua gente (1850 - 1985)**. Florianópolis: Paralelo 27, 1994. (Volumes I, II e III).

RICHTER, K. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau**. Blumenau: FURB, 1992.

SAADI, Fátima; GARCIA, Silvana (orgs); **Próximo ato: questões da teatralidade contemporânea**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

SINGER, P. I. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. 2 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

THOMPSON, E. P. **Obra Essencial**. Barcelona/Espanha: Editorial Crítica, 2002.

VOIGT, A. F. **A invenção do teuto-brasileiro**. Tese de doutoramento em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.